

**EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E A AQUISIÇÃO
DA LINGUAGEM: UMA APROXIMAÇÃO
ENTRE SAUSSURE E PIAGET**

Sinthia Moreira Silva (UENF)

sinthia_moreira@hotmail.com

Arthur Solordanos Curty (UFF)

arthurcurty@id.uf.br

Ana Bruna Freitas Faria (ISEPAM)

anabrunafaria@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem intenção de apresentar como o conceito de signo linguístico da Escola Estruturalista que se localiza na Epistemologia Genética de Piaget, a fim de compreender sua relação na aquisição da linguagem para a criança. O processo de transformação se dá no decorrer de toda a vida, porém tem papel imprescindível na infância, pois trata do momento de assimilação. Saussure destrincha a linguagem. Jean Piaget discorre sobre esse período de desenvolvimento da criança e a aquisição da linguagem abarcando a construção do signo para a mesma. Trata-se de um trabalho de cunho bibliográfico e qualitativo. Conclui-se que, intrínseco à aquisição da linguagem, a ideia de signo linguístico necessita ser adaptada às capacidades e necessidades características da infância. Conceitos tidos como concretos por Saussure sofrerão modificações pela implicação de tais necessidades na aquisição da linguagem pela criança, suas estruturas serão acomodadas ao conhecimento já experimentado propiciando a assimilação de novas possibilidades. Por fim, a especificidade de Piaget em relação a Saussure se dá de forma não supressiva, uma vez que a aquisição da linguagem para criança é só um dos diversos cenários possíveis para que essa construção seja realizada.

Palavras-chave:

Signo. Epistemologia Genética. Aquisição da linguagem.

ABSTRACT

The present work intends to present the concept of linguistic sign of the Structuralist School that is located in Piaget's Genetic Epistemology, in order to understand its relation in the acquisition of language for the child. The transformation process takes place throughout life, but it plays an essential role in childhood, as it deals with the moment of assimilation. Saussure de-carves the language. Jean Piaget discusses this period of child development and the acquisition of language, encompassing the construction of the sign for the child. This is a bibliographical and qualitative work. It is concluded that, intrinsic to the acquisition of language, the idea of a linguistic sign needs to be adapted to the capabilities and needs characteristic of childhood. Concepts considered concrete by Saussure will suffer modifications due to the implication of such needs in the child's acquisition of language, their structures will be accommodated to the knowledge already experienced, providing the assimilation of new possibilities. Finally, Piaget's specificity in relation to Saussure occurs in a non-suppressive way,

since language acquisition for children is just one of several possible scenarios for this construction to be carried out.

Keywords:

Sign. Genetic Epistemology. Language acquisition.

1. Introdução

O processo de aquisição da linguagem pode ser perpassado de diversas formas e em diversos períodos diferentes da vida humana. As habilidades provenientes do domínio dessa construção permitem autonomia e conforto social no mundo moderno. As diversas circunstâncias pelas quais a aquisição da linguagem pode ser experienciada pelo indivíduo que dotam cada uma, suas peculiaridades. Por exemplo, aprender alemão como segunda língua numa Comunidade de língua alemã no Brasil é diferente de aprender Inglês como terceira língua pela internet em qualquer lugar do mundo. As variáveis relacionadas a esse processo podem ser analisadas pela posição ocupada pelo indivíduo no mundo, suas relações com este e sua condição psicológica e física.

O epistemólogo suíço Jean Piaget foi um grande contribuinte para a investigação de uma forma muito específica de aquisição da linguagem, seus desdobramentos para a criança. Sua teoria vai muito além desse recorte, observando diversos outros fenômenos da construção intelectual e anatômica da criança. Todavia, antes disso o também suíço Ferdinand Saussure estabelece um novo campo de conhecimento, a linguística. Rompendo com o movimento tido como naturalista, Saussure propõe uma análise sobre os fatos relacionados à língua de forma a postular sua teoria acerca de fenômenos capturados pelo exercício da língua, como seu modelo de signo linguístico, que demonstra a psique por trás das palavras cotidianas.

O presente trabalho procura estabelecer uma aproximação entre as duas teorias através da aquisição da linguagem. A aproximação entre os dois teóricos poderia ter acontecido de fato, senão pela morte prematura de Saussure, 5 anos antes de Piaget receber seu doutorado. Apesar de Piaget ter formação no campo das ciências naturais e Saussure ser um estudioso do campo da linguística, ambos convergem para a aquisição da linguagem quando se prestam a falar sobre o ato individual da fala e como este é composto – cada um através de sua perspectiva. Os desdobramentos para a construção da ideia de signo linguístico pressupõem estruturas que a criança necessita adaptar por condições que Piaget demonstra serem

mutáveis à medida que suas estruturas vão se modificando.

A metodologia utilizada neste trabalho é de cunho bibliográfico e base qualitativa, no qual foi realizada uma análise de algumas obras dos autores principais, Piaget e Saussure, entre outras bibliografias que contribuíram construir o diálogo proposto objetivando através destes compreender o local do signo na aquisição da linguagem para a criança. Dessa forma, a pretendida construção retorna ao processo de possibilitar novas aberturas em detrimento de um outro formato de relacionar conteúdos, um outro escopo para a observação de um evento já descrito.

2. Linguagem, língua e signo

O original A história revela que a junção de seres humanos em comunidade desempenha papel fundamental para a sobrevivência da espécie. Dessa organização comumente adotada, cria-se a necessidade de convivência social apreciada pelo homem, pois de acordo com (ARISTÓTELES, 1991, p. 130-1) “(...) ninguém escolheria a posse do mundo inteiro sob a condição de viver só, já que o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade”.

A natureza humana citada por Aristóteles mostra o convívio social e a necessidade de comunicação para efetivação bem sucedida da sociedade, erguendo o ato crucial da interlocução diária, a linguagem. O lado social da linguagem relaciona-se com a necessidade do homem de transmitir uma mensagem que poderá ser compreendida por outro indivíduo. A linguagem é a resolução dessa necessidade, apresentada por Fiorin (2015) como a capacidade dos homens de comunicarem-se com seus semelhantes por meio de signos. A linguagem é natural – uma faculdade humana –, diferentemente da língua e dos signos que a compõem, que são adquiridos através de aprendizagem na inserção social.

Saussure compara a linguagem a um jogo de xadrez (1969: 31-32). O jogo constitui um sistema, em que não importa o material de que são feitas as peças, o lugar onde o jogo apareceu, etc. O que importa ao sistema são as peças (seu número, suas funções), bem como as regras do jogo. Cada partida é um acontecimento, que manifesta o sistema. (FIORIN, 2015, p. 47)

A linguagem é, portanto, um sistema articulado, no qual o que determina o valor de cada peça não é o seu material ou lugar de origem, mas o significado que lhe é atribuído a partir das relações e oposições entre as unidades. Conforme Costa (2022) uma torre, seja ela feita com uma tampa de garrafa ou marfim, receberá o valor de “torre” desde que lhe seja

atribuído o valor de “torre” em relação e oposição a todas as outras peças, e que “torre” não seja correspondente ao valor de outra peça, como ‘bispo” ou “cavalo”. O jogo, por sua vez, segue de acordo com as regras pré-determinadas. Portanto, compreende-se que jogar – comunicar-se – depende da compreensão do jogador – indivíduo – de como as peças – palavras (signos) – relacionam-se entre elas e as regras que dirigem o jogo – língua –.

Com isso, percebe-se que a língua é uma das representações desse sistema articulado da linguagem, que se organiza a partir do seu próprio sistema gramatical que determina as regras e os valores dos signos, nossas peças. Assim, é possível estabelecer uma comunicação porque conhecesse as regras gramaticais que foram estabelecidas na língua e conseguimos fazer uso delas.

Segundo Saussure (2006, p. 17), “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. A língua é assim uma parte essencial da linguagem, que viabiliza o mecanismo de comunicação, articulando e transmitindo ideias e sentimentos, constituída por sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas.

O que regula o funcionamento das unidades que compõem o sistema linguístico são normas que internalizamos muito cedo e que começam a se manifestar na fase de aquisição da linguagem. Trata-se de um conhecimento adquirido no social, na relação que mantemos com o grupo de falantes do qual fazemos parte. (COSTA, 2022, p. 115)

Portanto, o contexto social no qual o falante está inserido é primordial para a compreensão e a assimilação do sistema linguístico do conjunto social que cercam o indivíduo. Para Saussure (2006) a língua é depositada no cérebro do indivíduo a partir do coletivo, construindo um tipo de dicionário referencial de signos e regras que compõem a língua. Compreende-se que de acordo com inserção no conjunto social e a experiência vivenciada pelo indivíduo com código linguístico através dos usuários do código, a língua seria depositada no cérebro desse indivíduo por meio do contato implícito. Então, um indivíduo que não fala português, por convivência com usuários da língua, conseguiria compreender e valer-se do sistema linguístico depois de um período de contato, assim como a criança faz a aquisição do sistema de signo do conjunto social no qual nasce.

Contudo a compreensão desse sistema não é simples. A atribuição de sentido depende da justaposição dos sinais gráficos, pois a posição dos

sinais influencia na forma como serão interpretados, não bastando, assim, um posicionamento aleatório de sinais. Uma vez que, “para Saussure, o sistema linguístico é um conjunto abstrato de elementos organizados segundo uma ordem própria, que os define de forma positiva e negativa” (MERCER, 1993, p. 94) Ademais, há palavras com uma mesma posição de sinais gráficos que recebem significados diferentes de acordo com a situação que são utilizados, o termo *language* em inglês exemplifica a situação, pois detém os conceitos tanto de língua como de linguagem em apenas uma justaposição de sinais.

Além da compreensão da justaposição dos conjuntos gráficos é necessário compreender que o resultado da interligação entre tais conjuntos e seus respectivos conceitos constituem um arranjo sistemático; nomeado de signo. O signo linguístico é a interligação entre significado e significante, no entanto, ele não apenas une uma coisa a uma palavra, ele une um conceito a uma imagem acústica, assemelhando-se a uma folha de papel onde há dois lados individuais, contudo indissociáveis (Cf. FIORIN, 2015).

O significado é o que compreendesse como o conceito, ele agrega o sentido que se atribui ao significante, chamado no estruturalismo saussuriano de imagem acústica. Dada essa natureza indissociável (FIORIN, 2015, p. 61) interpreta que “não existe significante sem significado; nem significado sem significante, pois o significante sempre evoca um significado, enquanto o significado não existe fora dos sons que o veiculam.” A vinculação que propõe na citação, trata-se do princípio de arbitrariedade presente na teoria de Saussure (2006), o qual é de suma relevância para a compreensão da complexidade do signo.

Na antiguidade grega houve o desdobramento sobre a relação da linguagem e o mundo, questionando se os recursos linguísticos que eram utilizados socialmente para a comunicação e a descrição daquilo que os cercava determinavam-se de forma arbitrária ou por motivação natural, dividindo a discussão entre convencionalismos e naturalismos.

Enquanto os primeiros defendiam que tudo na língua era convencional, mero resultado do costume e da que tradição, os naturalistas afirmavam que todas as palavras eram, de fato, relacionadas por natureza às coisas que elas significavam. (COSTA, 2022, p. 119)

Saussure posiciona-se dentre a tese convencionalista, afirmando que o signo linguístico é arbitrário, cultural e convencional, resultado de um acordo do conjunto social construído ao longo do convívio social, pois não há uma relação natural entre a sequência de sons e o conceito

empregado, a não ser o atribuído pela sociedade que o utiliza.

O que comprova a arbitrariedade do signo é a diversidade das línguas. Os mesmos significados estão unidos a significantes completamente diferentes: português céu, inglês sky, grego ouranós; português bode, inglês goat, romeno jap; português uva, francês raisin, romeno strugure, inglês grape. (FIORIN, 2015, p. 63)

Assim, o signo é uma construção racional convencionada socialmente utilizando-se de uma imagem acústica para expor um conceito específico. Contudo, há pontos que poderiam ser levantados como contraditórios a arbitrariedade do signo, principalmente as onomatopeias, como o “au au” e o “tic-tac”. Pode-se compreender essas unidades linguísticas como motivadas, mas Saussure refuta afirmando que “não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruidos” (SAUSSURE, 2006, p. 83).

O símbolo por sua vez é o ponto onde Saussure admite a existência de certo vínculo natural, ainda sim, apenas “um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado” (SAUSSURE, 2006, p. 82). Isto posto, caracteriza-se principalmente por não ser completamente arbitrário. Contudo, o símbolo não é parte do signo, mas, sim algo quase comparável a ele, portanto não é realmente um ponto contra a arbitrariedade do signo.

Diferentemente do signo, o símbolo não faz parte da linguagem, não sendo capaz de ser utilizado para uma comunicação em que o indivíduo transmite ideias ao seu igual, mas desempenha o papel que lhe é atribuído de representar um conceito através de um significante.

O segundo princípio proposto por Saussure (2006) é o de linearidade. Tal princípio propõe que o significante, em especial o auditivo, apresenta uma característica linear, pois os sons vêm um após o outro, sequencialmente, construindo uma linha, o mesmo ocorre quando escreve-se, desenhando um sinal por vez. Segundo Saussure (2006), por tratar-se de algo evidente e demasiadamente simples, o princípio em questão parece ser recorrentemente negligenciado, todavia sua importância compara-se com a do princípio de arbitrariedade e é fundamental para a linguagem.

A exposição das ideias de Saussure feita até este ponto não objetiva contemplar toda a extensão de sua teoria, mas viabilizar a compreensão de aspectos importantes da mesma para a aproximação que se inicia em sequência. Vale ressaltar que a obra de Saussure aprofunda em muitos assuntos que não foram mencionados, sua abrangência torna possível o

desenvolvimento do campo da Linguística. Todavia, o foco demonstrado dá-se em pontos passíveis de aproximação pela teoria de Piaget.

3. Aproximação à epistemologia genética

As aspirações de Piaget, através da Epistemologia Genética, mostram a aproximação do autor tanto à sua formação em ciências naturais quanto seu grande interesse pela área da filosofia e psicologia. A fundamentação da Psicologia Genética demonstra a ligação entre fatores endógenos e exógenos à criança para a aquisição do conhecimento. A construção do conhecimento dá-se de diferentes formas ao decorrer da transição entre períodos, porém, apresenta um ponto de inflexão quanto a aquisição da linguagem. A criança se especializa através da função semiótica, que:

Consiste em poder representar alguma coisa (um significado qualquer: objeto, acontecimento, esquema conceitual etc.) por meio de um significante diferenciado e que só serve para essa representação: linguagem, imagem mental, gesto simbólico etc. (PIAGET; INHELDER, 1986, p. 46)

Dessa forma, Piaget demonstra através da função semiótica o que Saussure caracteriza como signo, uma representação que evoca um conceito ausente. Com a aquisição dessa nova função, a criança poderá realizar operações e ações com significados, possibilitando articular as consequências de ações que ainda estão sendo planejadas. Tal abertura evoca também a possibilidade de adquirir e articular os primeiros significantes da língua materna, que será importante para a ampliação da capacidade social e cognitiva da criança.

Porém, é necessário ressaltar o principal problema em relação à articulação sobre a ideia de signo linguístico na aquisição da linguagem. Piaget, apesar de concordar com Saussure sobre diversos aspectos da língua, não consegue valer-se da forma como Saussure descreve a ideia de símbolo e como isso pode ser utilizado ou não para a comunicação.

Isso ocorre pois Piaget descreve um sujeito para a aquisição da Linguagem, a criança, enquanto Saussure não necessariamente especifica em sua teoria um “sujeito” a verificar esses conceitos. O trabalho de Piaget busca descrever o desenvolvimento da criança, dessa forma, entende esta como um ser que desenvolve suas capacidades motoras, fisiológicas, cognitivas, neurobiológicas e socioculturais à medida que entende convenções sociais como a língua.

Piaget (1983) descreve a aquisição de conhecimento como uma

forma de adaptação a uma nova realidade que se constitui através de uma estrutura cognitiva.

A noção fundamental peculiar à psicologia de inspiração empirista é a da associação que, assinalada já por Hume, permanece muito em voga nos meios considerados comportamentistas ou reflexológicos. Contudo, esse conceito de associação refere-se tão somente a um limiame exterior entre os elementos associados, ao passo que a noção de assimilação (Études, vol. V. cap III) implica a de integração dos dados a uma estrutura anterior ou mesmo a constituição de nova estrutura sob a forma elementar de um esquema. (PIAGET, 1983, p. 9)

Logo, a forma como a criança estabelece uma relação com a função semiótica – e conseqüentemente a operação por signos – será determinada pela sua disposição de esquemas, seu ponto de partida. É através dos mecanismos de assimilação e acomodação que a criança irá modificar as estruturas já estabelecidas em prol de valer-se de novos conhecimentos. Novamente demonstrando que a criança se desenvolve enquanto desenvolve a língua, Piaget (1983) determina como fundamental o repertório de mundo já existente como fundamentação para novos conhecimentos.

As proposições de Saussure acerca da língua demonstram que suas realizações não se voltam para o campo da psicologia, ou seja, o estabelecimento e investigação sobre um sujeito não era alvo de Saussure devido ao seu objeto de estudo. Todavia, os objetos de conhecimento descritos por Saussure ao longo de sua teoria podem ser encontrados na aquisição da linguagem, suas observações acrescentam na complementação de como um ser em desenvolvimento pode lidar com o critério de arbitrariedade, signos e símbolos, por exemplo, à medida que suas capacidades se desenvolvem e novos esquemas são integrados na teoria Piagetiana.

Dessa forma, observa-se que não existe um diálogo com réplicas e trélicas entre as teorias de Saussure e Piaget, não sendo comparáveis, mas sim uma aproximação por parte de Piaget à conceitos existentes na teoria de Saussure.

O processo de assimilação e acomodação privilegiam a transição de esquemas menos complexos para esquemas de maior complexidade. Antes da consolidação da função semiótica a criança se encontra focada no sucesso das suas ações, não no aprendizado e ampliação de novos esquemas.

As conexões estabelecidas pela inteligência sensório-motora ligam apenas percepções e movimentos sucessivos, sem uma representação de conjunto que domine os estados distintos no tempo e que organize as ações, refletindo-as simultaneamente num quadro total. (RAMOZZI-CHIAROTTINO,

Através disso, caracteriza-se com profundidade o estado o qual se encontra a criança antes da aquisição da função semiótica. No Período Sensorio-Motor, a criança se estabelece como corpo em relação ao mundo que a circunda, mas a falta da classificação desse mundo através de significante e significado torna necessário que a criança foque nos estímulos captados pela sua percepção.

É uma inteligência puramente vivida e não pensada, ou seja, representada de forma organizada. Sendo seu domínio delimitado pelo emprego de instrumentos perceptivos e motores, ela só trabalha sobre o concreto, indícios perceptivos e sinais motores e não sobre signos, símbolos e esquemas representativos ou conceitos verdadeiros que implicam a inclusão de classes e relações. (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 64)

É indubitável que mudar de uma percepção concreta de mundo para uma visão representativa, dotada de possibilidades, é um grande desafio para o indivíduo. Entretanto, segundo Ramozzi-Chiarottino (2008) Piaget determina duas condições primordiais para auxílio nessa transição, "... a) um sistema de operações, transformando as ações exteriores de sentido único em ações mentais móveis e reversíveis" (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 64). O domínio desse âmbito permitirá a representação do mundo através de signos e símbolos, possibilitando a consolidação das primeiras organizações pertinentes à língua. O indivíduo passará por uma nova evolução estrutural em seus esquemas, transicionando as acomodações já realizadas para um novo estado dotado de significação.

Também tem como condição "b) uma coordenação interindividual das operações, assegurando ao mesmo tempo a reciprocidade geral dos pontos de vista e a correspondência do detalhe das operações e dos seus resultados" (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 64). Tal característica torna exequível a projeção de impactos pela articulação de uma ideia. Assim, a criança poderá reverter um estado hipotético sem a necessidade de interferência no real. Por exemplo, torna-se possível a criança verificar a possibilidade de terminar um quebra-cabeças pela observação da quantidade de peças que faltam quando se está acabando, assim como a disponibilidade de encaixar a peça somente olhando para a sua forma e comparando-a (Cf. RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008).

A Epistemologia Genética irá dizer, de forma geral, que símbolo é um significante em conformidade com seu significado; já o signo não é dotado de ligação natural entre significante e significado, tendo sido cunhado socialmente. Tassinari (2010). Logo, é possível determinar que

Piaget também entende uma distinção entre signo e símbolo através da arbitrariedade entre significante e significado, assim como proposto por Saussure. Na consolidação da função semiótica como meio principal para assimilar e acomodar novos conhecimentos, a criança parte de uma base menos complexa para um esquema mais complexo.

No início da aquisição da linguagem, as palavras da língua (signos) são usadas pela criança ainda como símbolos, ou seja, são usadas como significados particulares, só seu, por exemplo, ‘nenê’ para designar seres humanos, ‘au-au’ para designar qualquer animal. (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 58)

Através de tal operação, é possível observar que a criança inicialmente adapta a convenção social para um uso pouco sofisticado, valendo-se de generalizações para simbolizar qualquer coisa. Com isso, essa forma privilegia somente a criança, ou seja, o uso de significantes convencionados não corresponde à necessidade de comunicação, pois apesar de sua condição convencionalizada socialmente, o significado evocado para a criança tem sentido só para ela.

A observação entre significante e significado nessa fase do desenvolvimento demonstra uma ligação natural entre estes, caracterizando-se, como supracitado, em símbolo. A ocorrência da transformação de signos em símbolos denota uma não preocupação em se comunicar, pois o significado é individual para a criança, o foco no uso da percepção para a assimilação de significado aos significantes “coletados” no meio social mostra que esse processo corresponde à experiência da criança em relação àquilo. Por exemplo, “Piaget fala de sua filhinha que nomeava tch tch tudo que aparecia e desaparecia visto de uma janela (trens, automóveis, pessoas etc.). Posteriormente, percebe que a mesma denominação é dada a ele próprio, quando brinca com a garota de ‘esconde-esconde’” (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 58).

Indubitavelmente pode-se observar uma correlação de ações entre o aparecimento e desaparecimento de objetos na janela e o aparecimento e desaparecimento de Piaget durante o jogo de esconde-esconde. Logo, afirma-se a importância de entender a percepção da criança como fator determinante para a construção de sentido, sendo variável importante a localização da criança em relação ao objeto notado. As características supracitadas corroboram para a construção e apropriação da função semiótica, escalando o processo de aquisição da linguagem que influi no uso convencionalizado socialmente do signo linguístico, fator decisivo para uma melhor habituação ao ambiente social presente em seu meio.

As interações entre a criança e o meio são pontos chave para a Epistemologia Genética, retratando esses contatos como meio para que a criança estabeleça novas assimilações. “Para Piaget, a linguagem é constituída a partir do encontro de um funcionamento endógeno (orgânico) do ser humano com a vida social; aliás, de forma análoga ao conhecimento” (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 49-50). Apesar de demonstrarem similaridade em sua constituição, a linguagem desempenha papel facilitador sobre a aquisição de conhecimento uma vez que seus esquemas irão se constituir para um novo parâmetro baseado na função semiótica.

Parodiando Kant (1781), a linguagem e o conhecimento, começam na experiência, mas dela não derivam. Graças a esse encontro a criança organizará o seu mundo, entre o nascimento e um ano/dois (em média). Essa organização será representada por intermédio de imagens mentais, a partir do surgimento da função semiótica (capacidade neurológica de distinguir o significado do significante. (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 50)

Portanto, para Piaget a utilização do signo linguístico perpassa pela consolidação da função semiótica. Entretanto, no caminho para tal consolidação observa-se necessariamente a importância das fontes externas de estímulo também como forma de consolidar o uso de signos linguísticos sob convenção em prol do abandono do uso de signos como símbolos citados anteriormente. Para Saussure (2006), o contato com o exercício da língua no ambiente social também desempenha protagonismo, tanto para a aquisição da linguagem quanto para o próprio estudo da língua, sendo um grande ponto de aproximação entre as duas teorias à medida em que Piaget define a aquisição da linguagem em consonância com as primeiras socializações de significado da criança.

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo: esse estudo é unicamente psíquico. outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação é psicofísica.

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente o fato da fala sempre vem antes. (SAUSSURE, 2006, p. 27)

Pode-se observar que a diferenciação em parte individual e social se dá também para Saussure (2006). Porém, entende-se que em sua teoria Piaget investiga a criança atravessando tais fenômenos, existindo assim a necessidade de pontuar aspectos biológicos que estão relacionados ao crescimento endógeno que propiciarão as mudanças que irão culminar na consolidação da função semiótica. Dessa forma, observa-se que esta cumpre

papel principal na aquisição da linguagem, sendo determinante para que a criança alcance a apropriação definitiva da habilidade de representar um significado através de um significante - incluindo o signo linguístico.

4. Conclusão

Portanto, as observações acerca da ideia de signo linguístico podem também permear a aquisição da linguagem, e não somente ficarão restritas ao seu uso após aquisição da função semiótica. Seu uso é o resultado de um processo semelhante à construção de uma ponte de grande porte, em que várias partes são adquiridas independentemente e montadas de acordo com uma projeção de uma nova função, transpor um objeto. Diversas partes irão ser assimiladas para acomodar uma base que propicia ao indivíduo a representação evocativa de um conceito e seu uso através de signos linguísticos no exercício da língua.

Entretanto, as bases da ponte serão necessariamente influenciadas de acordo com o seu local, ou seja, a base que propicia o indivíduo a aquisição da linguagem será diferente quando comparamos o que é necessário para a criança. A sua relação com a aquisição do signo demonstra suas peculiaridades, uma vez que Saussure define um sujeito já dotado de aspectos fundamentais como a completude do desenvolvimento psíquico e anatômico que fatalmente passará por uma outra construção.

As peculiaridades da aquisição da linguagem na criança tornam possível dedicar a observação de comportamentos desta em relação à conceitos inseridos no modelo de signo de Saussure. A criança irá adaptar a forma como usa fonemas, signos e símbolos durante a aquisição da linguagem testando estes para otimizar uma base sólida que permitirá a pavimentação dessa ponte. Durante o período de consolidação dessas bases, o ambiente externo irá propiciar novos elementos rudimentares já ligados a representações convencionadas, os signos, que irão propiciar o acabamento e pavimentação da ponte para seu uso final, a comunicação e operações sobre signos.

As aproximações de Piaget provocam o entendimento de que o indivíduo é peça central quando se pensa na aquisição da linguagem, sua definição é o ponto principal que provoca disrupções em relação a Saussure. A especificidade de Piaget em relação a Saussure – ou seja, a definição de sujeito para a aquisição da linguagem – dá-se de forma não supressiva, já que a aquisição da linguagem para criança é só um dos diversos

cenários possíveis para que essa construção seja realizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Ética à Nicômacos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E. *Manual da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2022. p. 113-26
- MERCER, José Luiz. A noção de sistema em Ferdinand Saussure In: PAZ, F. *Aventuras do pensamento*. Curitiba: UFPR, 1993. p. 91-106
- FIORIN, José Luiz. *Linguística? Que é isso?*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PIAGET, Jean. *Epistemologia Genética*. Trad. de Nathanael C. Caixeiro. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____; INHELDER, Bärbel. *A Psicologia da Criança*. São Paulo: Difel, 1986.
- RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zélia. Epistemologia Genética e a aquisição da linguagem. In: QUADROS, R.M. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: UFSC, 2008. p. 49-68
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TASSINARI, Ricardo Pereira. *O Sistema de Operações sobre Signos segundo a Epistemologia*. São Paulo: Departamento de Filosofia, 2010.